



Foto: José Santa-Bárbara

# PAULO DA COSTA DOMINGOS

## EPIDEMIA

Deitara-se com os heróis da Revolução  
Porque andava à deriva e queria sentir-se alguém.  
Depois disseram-lhe não serem aqueles

[os autênticos, os verdadeiros,  
mas outros  
e prosseguiu de cama em cama, de enlace em enlace  
e assim sucessivamente  
até apodrecer de sífilis apesar do seu asseio

[e espalhar no percurso o mal e a doença.  
Por fim, nunca houvera Revolução  
nem heróis, nem ninguém  
— apenas um feitiço.

(7-2-977)

In *Asfalto*,  
com Carlos Ferreiro,  
& etc, Lisboa, 1977.

Li hoje um poema medido a pulso  
dentro de mim. Sede pousada no labirinto  
e, no centro, aquele conhecido verso  
secreto que amanhece nas açoteias.  
Disponível para o sexo e para as cousas d'alma.  
Ah li-o, e era um bicho exasperado  
por sair à caça  
com o sol a dar-lhe no dorso alquímico dos sonhos.  
Dum vigésimo andar pode partir-se  
com botijas de oxigénio  
ou de binóculos. Precário, insubmisso  
ao Estado das coisas.  
São outros, porém, os cravos  
da moderna paixão:  
casamentos, relógios de ponto,  
habitação própria domesticam  
o horizonte, e o horizonte  
basta.

In *Figurações/Campo de Tílias*,  
com Carlos Ferreiro,  
Frenesi, Lisboa, 1991.

**PAULO DA COSTA DOMINGOS** (Lisboa, 1953) é escritor, editor e antiquário de livros. A estreia literária deu-se em 1972, tendo parte da obra inicial sido revista e reunida no volume *Carmina, 1971-1994* (Antígona, 1995). Foi um dos co-organizadores, com os poetas Al Berto e Rui Baião, da antologia *Sião* (Frenesi, 1987). Editor na Frenesi, foi estreito colaborador de Vítor Silva Tavares na & etc. Em 2017, comissariou a exposição *& etc: prolegómenos a uma editora*. São do mesmo ano os seus mais recentes livros de poesia: *A Céu Aberto* (Averno) e *Sumo de Limão — Silva de Versos* (Frenesi). Parte do seu percurso encontra-se registado no volume autobiográfico *Narrativa* (1.ª edição, Frenesi, 2009).

**DIGA33**  
poesia no teatro  
às terças-terças-feiras  
de cada mês

Programa elaborado por  
**HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO**



**2018**  
TEATRO DA RAINHA

Recomendo o trajecto contrário à amargura pessoana. Recomendo o abandono do fado e do que se diz em surdina. Recomendo, ainda, que cultivem o desprezo por quantos intermediários se infiltram entre o homem livre e a vida. Nunca a renúncia, o pacto com a dormência e o opressor. Nem algo de diferente ensaiei, senão ser altamente nocivo a quem vive de subjugar à sua lei e ordens — só a lei e a ordem da Natureza aceito, na sua evidência empírica. Recomendo os cerimoniais da eloquência ao serviço do derrube, de antemão, das estátuas existentes ou de que possam vir a lembrar-se erigir em louvor deste tempo traidor da sua época, porque foi confrangedoramente mesquinho: nada mais embaraçoso do que obrigar o futuro a partilhar a vergonha, cristalizada no centro da praça pública. Não devemos respeitar a indústria de quem se alimenta à custa da desgraça alheia. Daqui para a frente, muita batalha há que travar... Labor — é a palavra.

In *Narrativa*,  
Frenesi, Lisboa, 2009.

Que é feito dos nossos contemporâneos? Partiram alguns, para o deserto, à procura de emprego, à procura de dinheiro; outros receberam no peito, braços abertos, um deserto que lhes nutre a sujeição, o cadáver adiado. A muito poucos bastou um vinho, a música, o jogo dos enlaces, a notabilíssima fala dos corpos! E a Arte estes colocou na estrada larga do instinto, o verbo agir-livre, donde claramente se vê o subúrbio mental do homem nado-morto, da mulher inerte.

In *A Escrita*,  
& etc, Lisboa, 2010.

**PRÓXIMA SESSÃO 20 DE MARÇO**

com  
**manuel a. domingos**  
autor e editor da Medula

henrique  
manuel  
bento falho  
nuno moura  
joão paulo  
estes  
da silva  
paulo  
da costa  
domingos  
manuel a.  
domingos  
carlos  
alberto  
machado  
miguel-manso  
pedro mexia  
miguel de  
carvalho  
rui costa  
andre corréa  
carvalho  
margarida  
vale de gato  
claudia souco  
vasco david  
helena vieira  
m. parissu  
jaime rocha